

Ritmos e tons das ações instituintes da educação popular: Um olhar fenomenológico da Orquestra de Flautas Meninos do Pantanal, de Cuiabá/MT.

por Silvia Maria S. Sterling¹ e Luiz Augusto Passos²

Este estudo teve por objetivo analisar as ações educativas desenvolvidas pela Orquestra de Flautas Meninos do Pantanal, considerada a única orquestra estruturada de flauta doce do mundo, atualmente conhecida como Orquestra de Flautas do Instituto Cultural Flauta Mágica, uma organização não-governamental, com sede no bairro Jardim Vitória, em Cuiabá/MT. O enfoque analítico-compreensivo metodológico se dá sob a ótica da possibilidade de ações instituintes, na perspectiva da educação popular dos movimentos sociais. A Orquestra de Flautas antes vinculada à Escola Municipal de Ensino Básico Dejeni Ribeiro³ e somente no ano de 1998 assumiu sua identidade própria com características que a ligavam a uma perspectiva autonomista, própria dos novos movimentos sociais, na busca da reafirmação dos propósitos iniciais, denominando-se Orquestra de Flautas do Jardim Vitória. Adequando-se às necessidades impostas pelo mercado ela tem se adequado aos interesses de marketing, modificando sua denominação. Este trabalho analisa o período posterior à criação da Orquestra de Flautas, quando ela se desvincula da escola e passa a denominar-se Orquestra de

Flautas Meninos do Pantanal, nome que marcou sua origem, por ligá-la a um dos mais lindos cartões postais do estado.

A Orquestra de Flautas Meninos do Pantanal foi criada em 1998, com a iniciativa do maestro Gilberto Mendes⁴, alunos integrantes do projeto extracurricular⁵ e os pais destes alunos, por acreditarem que essa atividade possibilitaria mudanças significativas em suas vidas. Todos os integrantes, direta ou indiretamente, reconheciam na prática novas possibilidades educativas. Dessa forma, a proposta da Orquestra de Flautas Meninos do Pantanal exorbita a perspectiva de um projeto escolar que almejava ocupação do tempo dos discentes em atividades lúdicas e extracurriculares.

Em 1998, o bairro Jardim Vitória, estava localizado na periferia, região norte de Cuiabá, e possuía apenas uma unidade escolar para atender todos os moradores, obrigando a equipe gestora da unidade escolar a emprestar o prédio a ser utilizado no funcionamento do Ensino Médio⁶, passando a escola a funcionar em quatro turnos intermediários⁷ com a necessidade do uso de salas anexas⁸.

Em 2002, a Escola Dejeni Ribeiro, considerada a maior da regional, não comportava todos os alunos que solicitavam vagas, era o único espaço da comunidade destinado à prática de lazer e de realização de eventos⁹.

A estratégia de ampliação da jornada evitava situações de vulnerabilidade social, tais como violência doméstica, prostituição infantil, uso de drogas e pequenos furtos, entre outros, usando o equipamento social do espaço escolar até que houvesse outra escola e outros espaços de lazer no bairro. Iniciava assim a trajetória da Orquestra de Flautas do Jardim Vitória, nome inicial do projeto, parte integrante do Instituto Cultural Flauta Mágica, de onde atualmente recebe a denominação de Orquestra de Flautas do Instituto Cultural Flauta Mágica.

Diante da situação percebida, o maestro Gilberto Mendes foi procurado pela Secretaria de Educação de Cuiabá, em 1998, através do Secretário de Educação, para implementar um projeto social no bairro Jardim Vitória, à época um dos mais carentes da capital, com o propósito de envolver os alunos da Escola Municipal de Ensino Básico Dejeni Ribeiro em atividades

extracurriculares tais como musicalização, esporte e lazer, atendendo assim mais de 1.500 alunos do Ensino Fundamental.

“O projeto foi gestado com muito trabalho”, e a participação nele se vinculava ao êxito escolar, empenho e disciplina.

O Projeto do Instituto Cultural Flauta Mágica tem por finalidade, estatutária, promover ações de arte, educação e cultura como instrumentos eficazes contra a pobreza e a exclusão social, bem como desenvolver programas de qualificação profissional para jovens aprendizes. Todas as crianças e adolescentes que fazem parte do Instituto Cultural Flauta Mágica são oriundas de famílias empobrecidas, nas quais o rendimento mensal familiar, em média, não ultrapassa dois salários mínimos. Atualmente, o instituto oferece canto, coral e balé, além do estudo referente à flauta doce.

Meu engajamento nesta pesquisa nasceu de minha prática como educadora na Rede Municipal de Educação de Cuiabá (SME), e como militante dos movimentos sociais. Esta condição de professora da rede, tornou-me possível acompanhar a implantação do projeto Orquestra de Flautas do Jardim Vitória. O projeto, como já mencionado, iniciou-se com os alunos da Escola Municipal de Ensino Básico Dejani Ribeiro, localizada na regional

norte de Cuiabá, quando ocorreu, mais tarde, em 2002, a ruptura da escola com o projeto.

Mobilizados pelo interesse na continuidade, a população apoia o projeto que abriga em si a possibilidade da concretização de seus sonhos. “Quem sonha é, ao mesmo tempo, autor dos acontecimentos e espectador interessado - o sonho que sonha lhe diz respeito. Assim, o sujeito é, desde o início, clivado: é autor e espectador”, segundo Breal (1992:1160).

A tese é que a construção dessa sinfonia, desde os primeiros acordes até a aquisição de uma frase melódica, de notas vivas, consiste em um novo modelo educativo que a Orquestra de Flautas Meninos do Pantanal cria para si mesma, em diálogo com eventos e acontecimentos, como uma prática instituinte de educação popular. Prática instituinte é concebida, neste estudo, como formas ativas em constituição e fluidez, sem possuir uma estrutura congelada, terminal. Que trajetória e que movimento é este? Linhares expõe que o movimento instituinte consiste em uma nova chave hermenêutica, uma possibilidade de interpretação, que gera possibilidades de compreensão para problemas que se revelam em situações-limite. É o devir, é o contínuo estar-sendo (FREIRE, 1998), o futuro a se construir, a futuri- dade a ser criada, o projeto

em realização. Esta categoria (instituinte) tem seus primórdios no trabalho de Heráclito (1998), em que a realidade é concebida como um contínuo vir-a-ser, uma realidade fugidia, em devir; um fluxo, nunca concluído, em processo. Aristóteles, também, na busca de solução sobre o movimento, compreende que há um diálogo permanente entre a potência, que guarda possibilidades de poder ser alguma coisa, ao explicitar-se, pondo em ato – já explícito – algumas das possibilidades antes adormecidas, atualizando-as, consubstanciando-as no que antes era apenas promessa. A sonoridade não é só retumbante. Entre silêncios, a partitura inicia-se vagarosa, mas “andante”; as notas musicais se ritmam nos acordes em vivace, elevando-se nos ares, como se pudessem tocar as estrelas (SATO, 2007: Anotações pessoais durante a qualificação).

Analisar a Orquestra de Flautas Meninos do Pantanal, principalmente sob a perspectiva paulofreireana, com base nas práticas instituintes na educação popular, vai ao encontro de meu desejo como pesquisadora em vivenciar uma sociedade mais justa e igualitária, na busca de uma cultura de paz, em consonância com Boff (2006).

Optar pelos referenciais teóricos, do instituinte e da educação popular propostos por Célia Linhares, Paulo

Freire e Carlos Rodrigues Brandão para interpretar a Orquestra de Flautas Meninos do Pantanal, deve-se à crença na utopia de que apesar dos projetos do capital um outro mundo é possível, onde todos possam tornar-se sujeitos. Os processos para tal não são dados, mas construídos, numa sociedade de classes e de exclusão, em favor de um processo educacional edificado, gerido e organizado pelos setores subalternos ou oprimidos, no atual modelo social.

Instituente e educação popular percorrem uma estrada comum, por se tratarem de práticas compreendidas ou “fotografadas” sob o ângulo do seu devir, por suas singularidades, tornando-se inéditas e produzidas coletivamente por um grupo específico. Tais ações são elaboradas, exercitadas e dirigidas pelos participantes, com bases em negociações, interesses comuns, em que dimensões singulares, particulares e universais se somam sinfonicamente na orquestração e negociação das diferenças.

A educação comunica normas sociais de comportamento, valores e atitudes, explícita ou implicitamente, na relação com os aspectos culturais de cada sociedade. Os valores, contudo, veiculados pela cultura da Orquestra de Flautas são, por vezes, confluídos, diferentes, antagônicos, de sorte que inexiste a simetria necessária entre um modelo

universal pronto, a ser internalizado e necessariamente seguido. Mesmo em um determinado grupo social, indivíduos agem distintamente, segundo Certeau, de acordo com a perspectiva de seu ambiente, ditada “por gestos manuais, suas habilidades e seus estratagemas, e pela enorme gama das condutas que abrange, desde o saber-fazer até a astúcia”. Mas, se há um conflito latente entre os diferentes grupos sociais produzido principalmente pelo grau de coerção que um exerce sobre o outro, a tendência é de que aqueles que pertencem a uma instância de poder tentem legitimar sua forma político-social de compreender o mundo àqueles que são vistos à margem do processo construtivo de identidade (CERTEAU, 1994: 156).

Brandão (1986), trata do processo educativo gerado na construção do saber popular e da cultura popular como reapropriações do processo de mudança que implicam em transformações sociais. Para conceituar educação popular, este estudo segue a esteira de Freire (1992) e Brandão (1986a e 1986b), que a entendem como um fenômeno de construção e apropriação dos produtos culturais, expressos por um sistema aberto de ensino e aprendizagem. Ela constitui-se de conhecimentos referenciados com base na vivência dos sujeitos que compõem grupos sociais

distintos. Cada um deles com metodologias incentivadoras à participação e ao empoderamento¹⁰ das pessoas que, na visão de Freire:

A questão do empowerment da classe social envolve a questão de como a classe trabalhadora através de suas próprias experiências, na sua própria construção de cultura, se empenha na obtenção do poder político. [...] Indica um processo político das classes dominadas que buscam a própria liberdade da dominação, um longo processo histórico de que a educação é uma frente de luta (FREIRE, 1998: 138).

Tal como apontado por Freire (1998), a ideia de empoderamento dos sujeitos individuais, vulnerabilizados em decorrência do processo histórico e da característica cultural das sociedades nas quais estão inseridos, perpassa o todo social, atuando como elemento capaz de amplificar as vozes dos segmentos aliados do poder de decisão, promovendo sua inserção social. A este propósito, Peter Berger (2004) acena que, não existirá nunca pessoa alguma satisfatoriamente socializada segundo o desejo e os modelos desejados pela ordem dominante. Elas, as pessoas, resistem, e há sempre áreas de discrepância entre a socialização desejada e a possível. Não somos nunca cópias.

A ideia do empoderamento estaria, portanto, alicer-

çada na articulação orgânica entre os diferentes grupos e segmentos, processo que, como já apontava Durkheim, é o que transforma um mero aglomerado de indivíduos em uma sociedade (DURKHEIM, 1990). Indivíduos num rizoma, com assentamentos próprios dentro de um tecido que os identifica.

As metodologias utilizadas pela educação popular, como no caso da Orquestra de Flautas Meninos do Pantanal, apresentam conteúdos e possibilidades de avaliação processuais permeadas por uma base política estimuladora de transformações sociais e orientadas por anseios humanos de liberdade, justiça, igualdade e felicidade. A educação popular, como um projeto coletivo de produção de saberes, oportuniza a construção de ações alternativas que, embora assistemáticas, garantem a prática do fazer educativo em favor da transformação pessoal e da comunidade, como forma de driblar a complexidade imposta pela hegemonia do "capitalismo selvagem" representado por grandes grupos econômicos que, por força da globalização e do neoliberalismo que, tentam, a todo custo, imprimir os seus valores hegemônicos sem dissimetrias.

Neste sentido, a sociedade se apresenta como um cenário de competição, de concorrência. Se aceitarmos a existência de vencedores, devemos também concluir

que deve haver perdedores. A sociedade teatraliza em todas as instâncias a luta pela sobrevivência. Inspirados no darwinismo, que afirma a vontade do mais apto, concluem que somente os fortes sobrevivem, cabendo aos fracos conformarem-se com a exclusão "natural".

Boaventura (2002), no contexto da sociologia das ausências compreende que se faz necessário a igualdade nas condições da plena inclusão social, porém sem perder o direito de ser diferente. Realizar a inclusão social com a garantia de preservar as diferenças, a busca da unidade na diversidade, passa a ser o exercício que se constitui o grande desafio da educação popular, superar tanto o apartheid quanto as formas generalizantes e despersonalizadoras.

A educação sistemática por si só não é suficiente para impedir a ação dos muitos interesses do capital e dos que se julgam "senhores do mundo". Daí a necessidade de inventar novas formas simbólicas e de convivência, assim como novas relações sociais, com o conhecimento necessário, com a experiência, com os outros e com a terra, substituindo o educador individual e só, por uma interlocução e rede de educadores que produzam um educador coletivo. Aí reside a importância da prática educativa popular que possui como

dimensão imprescindível superar a "humanidade que temos em direção à humanidade que queremos", na concepção de Passos (2007: 7). Nesse sentido, os caminhos de Paulo Freire, em relação às múltiplas formas de nominar a Educação *poderão adquirir muitos outros nomes, a de "uma educação como prática da liberdade" a de "pedagogia da esperança", "pedagogia da indignação" ou "pedagogia da autonomia", todas elas, enunciando o caráter emancipatório de sua proposta libertadora, pois será o oprimido, em movimento, que conquistará a própria emancipação e autonomia (PASSOS, 2007: 7).*

No contexto da educação popular, a emancipação e a autonomia são conquistadas pelos projetos coletivos de superação da opressão, sendo possível construir uma mobilização ética com base na justiça e na generosidade dos seres humanos, com a finalidade de construir um mundo onde não domine a riqueza de uns em função da pobreza de outros, mas onde floresça a solidariedade e a participação de todos em tudo o que é necessário para todos, onde possa se ter a justiça social e viver a fraternidade.

A emancipação, contudo, precisa ser compreendida como um processo-ponte entre uma condição anterior (alienada) e outra posterior, de caminho em direção à

libertação, de acordo com o pensamento de Passos (2007: 7). O oprimido, entendido como o “servo” (Hegel), o “estrangeiro” (Camus), o “peregrino” (Kierkegaard), enfim, o perseguido, o cativo, não o simples necessitado, mas o explorado, precisa, ele mesmo, da comunhão com o outro oprimido; cuja mediação pedagógica da leitura do mundo, na visão de Freire (1989), precede sempre a leitura da palavra. O ato de ler dar-se-á na sua experiência existencial. A “leitura” do mundo se constitui condição necessária para que haja a desnaturalização da opressão.

Na educação popular, a convivência, mesmo no contexto do projeto coletivo, não apaga ou anula as diferenças. Ao contrário, ela tenta a capacidade de acolhê-las, deixá-las ser diferentes, viver com elas e não apesar delas. Por entender que essa educação ainda não existe, é importante pensar um projeto alternativo a ser construído ao longo do percurso construtivo. A Orquestra de Flautas Meninos do Pantanal, por se tratar de uma prática educativa coletiva, não foge à regra, pois vivencia no seu dia-a-dia com ritos essenciais para a avaliação e a continuidade de suas ações que, inéditas, instituem novas possibilidades, tendo em vista a natureza instituinte, de imprevisibilidade.

A educação popular

busca gerar práticas significativas, capazes de incluir os aspectos necessários ao processo de desinstalação das muitas formas opressivas que imobilizam desejos, sonhos e possibilidades. Da mesma forma, os movimentos sociais, nem sempre planejados, surgem como conseqüência de atitudes arbitrárias do impedimento do exercício educativo de integração coletiva. Por ser a educação popular uma característica marcante dos movimentos sociais, busca-se nas ações da Orquestra de Flautas Meninos do Pantanal, evidenciar os traços identitários desse paradigma educativo.

Porém, há que se destacar, nem toda educação popular se constitui de fazeres significativos, ressignificados e de valorização do ser humano e de ações coletivas. Existem práticas de Educação Popular que desqualificam o seu verdadeiro sentido e razão de ser.

O sujeito, portanto, é compreendido, do ponto de vista merleau-pontiano, como um ser perceptivo, que sozinho não é capaz de viver, pensar e se compreender. Devido à sua condição de ser no mundo, nele coexiste e comparte o destino de inventar, mediado pela práxis, um evento peculiar, de formar e estruturar certo mundo através da percepção, que não pode descolar de sua corporeidade.

Na visão de Merleau-Ponty (2006), o sujeito vive na experiência de outrem,

em relação com uma cultura, na partilha da vida e de uma história comum. Nesse contexto, a consciência nasce no diálogo, num complexo relacional de subjetividades socialmente configuradas, onde apreende preferências e experiências, o peso pessoal da liberdade e da de-cisão; esta, entendida no sentido de que todo ato de liberdade ou de escolha implica uma cisão, um corte, uma restrição que se realiza numa liberdade situada. Com os outros-eus vai o sujeito estabelecendo contratos, consensos, parâmetros, razões, futuros, riscos, sob a ameaça constante de vitória ou fracasso, na luta por transformar o espaço em que vive mediante a prática de uma ansiada cultura de paz.

No tempo atual, a principal virtude ética, virtude aqui destituída de quaisquer fundamentos filosóficos, necessária para poder manter a integridade e cuidar da casa, da morada do humano, do planeta, é a incapacidade de desistir, é evitar que a esperança deixe de existir. É neste contexto que se dão as ações instituintes, é a esperança que nos move na busca por dias melhores, por oportunidades e pela concretização dos sonhos utópicos, pois destituídos dessa esperança, correremos o risco de ficarmos estáticos e imobilizados, portanto vencidos, o que seria o fim do sentido para a vida em sua essência.

Ao assumir tal

proposição como baliza, é possível discutir o vivido e a própria vida. Ao conceber a vida humana como ação, direciona-se toda a atenção para o agente, isto é, o ser humano que delibera e deseja. É este desejo que impulsiona o fazer humano na busca pela concretização de seu projeto de vida, o que aqui chamamos de utopia.

A utopia é entendida como motor de transformações (MERLEAU-PONTY, 2006). Designa o projeto de algo ideal ou perfeito, pois, esse ideal conteria em si a possibilidade da transformação social e das possíveis alterações da sociedade. Consiste na consciência antecipadora do amanhã. A utopia alimenta o desejo do que não está aí, um projeto aberto de convocação para a luta. Neste contexto, o pensamento utópico pode ser entendido como o grande impulsor das revoluções.

Ao longo de minha infância e de minha educação junto à família, tive o privilégio e a oportunidade de viver em um ambiente perpassado por valores de justiça e de solidariedade, de práticas comuns no dia-a-dia. Ainda adolescente, em 1986, fiz opção pela vida religiosa e ingressei em uma Congregação em Cuiabá, onde permaneci por três anos.

Acreditava que, como freira, seria útil a muitas pessoas, ao mesmo tempo em que poderia despertar, sobretudo, naquelas marginalizadas pelas

várias formas de opressão, como era o caso da comunidade em eu que morava, o desejo de lutar em prol da transformação da realidade posta.

Embora não tenha permanecido, o tempo em que estive como postulante da vida religiosa foi importante para o meu crescimento pessoal e espiritual. Contudo, os propósitos que me levaram a tal opção permaneceram dentre os meus objetivos. Busquei na prática profissional, enquanto educadora, exercitar e concretizar meus ideais de estar junto àqueles que, diante das situações-limites, precisam buscar alternativas para viver.

Assim como no convento, na escola, o exercício do fazer pedagógico emancipatório, como prática da liberdade, não se constituiu em uma tarefa simples. Muitos foram os embates e a sensação de cansaço que me faziam aceitar a ideia defendida pelo dito popular de que “uma andorinha só não faz verão”, revitalizada pelo pensamento de que a utopia se constitui em motor de realizações.

A construção de identidades é uma busca que não desfaz o encantamento da travessia dirigida para o encontro, mas enfrenta a luta con fituosa do bem (sonhos adormecidos - POESIAS NOTURNAS) e do mal (sonhos despertos - CIÊNCIAS DIURNAS). O despertar não se faz sem espera, que pode adormecer e ser esquecido, mas que foi construído na

tomada de consciência de dois mundos. Não há caminhos, o andar é ritmado pela adência das forças na procura. Mas a procura pode ser de si mesmo, no movimento circular do “equilíbrio - caos - superação - transformação”. O tempo da viagem, portanto, é sem horas, revelando a cosmicidade humana, na morada da consciência clara e escura. (SATO; PASSOS, 2006: 1).

Mesmo estando ligada efetivamente aos movimentos sociais da igreja e agremiações estudantis, só consegui ter a dimensão da atuação dos mesmos quando da minha participação no Fórum Social Mundial, realizado em 2003, na cidade de Porto Alegre. Nesse momento, percebi o quanto a união de forças é importante para celebrar a diversidade, discutir temas relevantes e buscar alternativas para as questões sociais no mundo e não somente em pequenas comunidades de maneira isolada.

Comungo com a perspectiva de Passos (2007:3), para quem a Educação Popular é uma educação em movimento social, constituindo projeto de rebeldia e de alteridade em favor da vida planetária e da paz.

Sob essa ótica percebo hoje que, mesmo sem ter clareza do que denomino de instituinte, eu procurava desenhar diferentes possibilidades para uma nova forma

de vida justa e fraterna. Desta forma eu compreendia que:

Se for realmente verdade que desejamos um mundo melhor, com desejos arrepiando peles, gestos, falas e atitudes despertando paixões e até permitir deixar arriscar os fôlegos suspensos, também é igualmente verdade que em nós repousa o maior trabalho. Somos nós que temos a árdua tarefa de realizar, inescrupulosamente, nossos sonhos e fantasias. (PASSOS; SATO, 2002:2).

Busco neste artigo, apresentar a trajetória percorrida ao longo da realização da pesquisa, bem como as particularidades deste tempo rico de inúmeras possibilidades de aprendizagens. Da mesma maneira, apresentar o cenário da práxis - ação e dimensões filosóficas e valorativas implicadas - caminho percorrido pelos atores protagonistas do projeto Orquestra de Flautas Meninos do Pantanal, retratando a transição entre a realidade de vida e a utopia desejada pelos atores sociais, no Jardim Vitória, bairro periférico de Cuiabá, apontando as novidades e inovações que realizaram, assim como problemas, obstáculos e desafios apresentados face ao novo e seu impacto na gestão das políticas públicas de inclusão social.

Para a realização deste estudo, tracei um caminho investigativo em busca de perspectiva fenomenológica,

por me identificar com seu estilo de perceber o mundo e suas relações com o outro. A metodologia que orienta este estudo é de natureza qualitativa, etnometodológica (COULON, 1995), fenomenológica (BLIKEN; BOGDAN, 1994:53) e etnográfica de inspiração geertziana. Tomei por referência Merleau-Ponty para a perspectiva epistemológica e interpretativa.

A importância teórica e epistemológica da etnometodologia, de inspiração fenomenológica, deve-se ao fato da mesma efetuar uma ruptura radical com os modos de pensamento da sociologia tradicional. Mais que uma teoria constituída, é uma perspectiva de pesquisa, uma nova postura intelectual. A pesquisa etnometodológica se organiza em torno da ideia segundo a qual todos somos sociólogos em estado prático, ressignificando o paradigma sociológico do normativo para o interpretativo.

Um conhecimento sociológico adequado não poderia ser elaborado pela observação de princípios metodológicos que procurem extrair dados de seu contexto a fim de torná-los objetivos. A utilização de questionários, de entrevistas, de escalas de atitude, de cálculos, de tabelas estatísticas, tudo isso cria uma certa distância, afasta o pesquisador, em nome da própria objetividade, do mundo social que deseja es-

tudar. Esta concepção científica produz evidentemente um curioso modelo de ator, sem relação com a realidade social natural que este vive. (COULON, 1995:15).

A metodologia qualitativa surge com o advento da fenomenologia, que enfatiza o componente subjetivo do comportamento das pessoas. Bogdan (1994) afirma que o pesquisador, ao utilizar a abordagem qualitativa fenomenológica, faz uso de um conjunto de asserções que diferem das que são utilizadas quando se estuda o comportamento humano com o objetivo de descobrir fatos e causas. Neste sentido, a fenomenologia é o estudo das essências das coisas e, neste sentido, dos fenômenos. Do ponto de vista fenomenológico, a facticidade, ou condição da existência humana no espaço e tempo, é condição do aparecimento do homem no mundo. Merleau-Ponty vem do existencialismo de Heidegger e, sobretudo de Jean Paul Sartre; ele concebe as bases do existencialismo como fundamentos da fenomenologia. O homem, ao vir a ser, não possuiria uma essência definida, apenas uma condição, uma situação. A essência do ser neste sentido consiste somente em sua existência. É o próprio homem que produz aquilo que ele é, via ação para a liberdade. Ele é projeto, ou seja, o que ele é capaz de fazer de si mesmo; nele, a existência precede a

essência. Merleau-Ponty argumenta que: “não pensamos que seja possível compreender o homem e o mundo de outra forma, senão via sua facticidade, segundo sua maneira-de-ser-no-mundo” (1994: 24). É a partir dessa maneira de ser que este estudo busca compreender o objeto desta pesquisa, a Orquestra de Flautas Meninos do Pantanal.

Partindo da perspectiva fenomenológica de que não existe objeto sem sujeito e sujeito sem objeto, “o mundo do sujeito, as suas experiências cotidianas e os significados atribuídos às mesmas são, portanto, os núcleos de atenção da fenomenologia” (ANDRÉ, 1998: 18), nos quais não existe, em momento algum, uma cisão, uma divisão precisa entre objeto e sujeito.

A noção de intencionalidade é o princípio central que perpassa toda ação humana na fenomenologia, e está imediatamente ligada à consciência operativa do sujeito situado. Ou seja, toda consciência é intencional, não há objeto em si que não seja; desde logo, um objeto está para uma consciência, consciência esta, que lhe confere significado. Assim, há uma relação entre sujeito e objeto, interatividade e mútua constituição, que não são pólos separáveis. Todo conhecimento está ligado à existência mesma da consciência, de sorte que não há termo ou fim neste processo. Há um caminho que vai do

velamento ao des-velamento contínuo, e vice-versa entre sujeito e objeto, de sorte que a apreensão do objeto é sempre parcelar, e não esgota o processo de conhecimento e reconhecimento entre o sujeito, o outro e o mundo. É, entretanto, sempre o sujeito que dá sentido à rede de significações que envolvem os objetos percebidos no mundo vivido do sujeito e que a ele se comunicam.

Minayo (2000:18) diz que a fenomenologia preconiza que é preciso penetrar no universo conceitual dos sujeitos para poder entender como e que tipo de sentido eles dão aos acontecimentos e às interações sociais da vida diária. É o sentido dado às experiências que constitui a realidade, que é socialmente construída. Daí a busca da pesquisadora, que tenta compreender qual é o sentido individual e coletivo que a Orquestra de Flautas Meninos do Pantanal, enquanto ação instituinte de educação popular tem para esses atores sociais.

Em Aranha (1993), vê-se que a preocupação central da fenomenologia é a descrição da realidade fenomênica, colocando como ponto de partida de reflexão o próprio sujeito. Busca-se encontrar o que é dado na experiência, descrever o que se passa sob o ponto de vista daquele que vive numa determinada situação concreta. Situa-se, assim, a fenomenologia, como a filosofia, acerca

da vivência na qual o olhar do ser humano sobre o mundo se expressa no ato mesmo de experienciá-lo, percebê-lo, imaginá-lo, julgá-lo, amá-lo e temê-lo.

Na obra *A interpretação das culturas*, Clifford Geertz (1989:15) toma emprestado de Gilbert Ryle a noção de “descrição densa”. Esta é constituída pela interpretação do objeto - como ele é produzido, percebido e interpretado - que vai além da descrição superficial. A etnografia densa é uma descrição detalhada que se atenta ao microcosmo, aos detalhes, às singularidades, e que traz um significado inteiramente novo por sua presença na compreensão da totalidade, isto é, daquilo que se percebe no micro, circunscrevendo-o nas grandes teias de significação macro. É também, em busca de significados, a experiência da prática da etnografia de Malinowski, na perspectiva das redes coletivas, que ele apresenta em *Os argonautas do pacífico ocidental* (1922). Esta pesquisa preocupa-se em *estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante. Mas, não são essas coisas, as técnicas e os processos determinados, que definem o empreendimento. O que o define é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma*

'descrição densa', tomando em prestada uma noção de Gilbert Ryle. (GEERTZ, 1987: 15)

Etimologicamente, etnografia significa descrição cultural, na qual os aspectos étnicos ganham visibilidade por sua diferença e identidade. Os antropólogos desenvolveram a etnografia como um esquema de pesquisa de campo, de inserção, para estudar as culturas e as sociedades. A etnografia, segundo André (1998), tem dois sentidos. O primeiro, um conjunto de técnicas para coletar dados sobre os valores, os hábitos, crenças, práticas e comportamentos de um grupo social; e, inclui ainda, um segundo sentido, o de relato escrito resultante do emprego dessas técnicas (ANDRÉ, 1998: 27).

A pesquisa educacional do tipo etnográfico é, segundo André (1998), uma adaptação da etnografia à educação, onde certos requisitos da etnografia não necessitam ser cumpridos pelos investigadores de questões educacionais, como por exemplo, "uma longa permanência do pesquisador em campo, o contato com outras culturas e o uso de amplas categorias sociais de análise de dados" (ANDRÉ, 1998: 28). De sorte que, em uma pesquisa do tipo etnográfica, o pesquisador faz uso de técnicas associadas à etnografia, como a observação participante, a entrevista intensiva, anotações em caderno de campo e análise de documentos.

Neste contexto, utilizei fontes de pesquisa, a observação participante, diário de campo, conversas informais e visualização de documentos - busquei, ainda, apreender o sentido, na semântica proposta por Geertz, vendo se a pesquisa preenche - estabelecidas entre os atores sociais e a produção musical, a percepção e sentimento das condições concretas desta filiação metodológica.

Nas observações realizadas em campo, busquei apreender as relações mesmas quanto ao processo vivenciado, via diferentes formas de linguagem dos meninos e meninas, e também do responsável pela Orquestra de Flautas Meninos do Pantanal, além das pessoas ligadas a ela, e aquelas que tiveram grande importância ao longo de sua trajetória. Entrevistei pessoas que estavam no projeto quando da ligação dele com o espaço escolar, e aquelas, posteriormente, que a ela se ligavam fora da escola onde ele havia começado. Havia a busca de aspectos latentes, não-verbais, os quais podiam expressar, de modo próprio, as experiências e os significados ligados a esta vivência. Procurei, ainda, o modo como a experiência em curso se situava no social e nas circunstâncias. A dinâmica de funcionamento do Instituto Cultural Flauta Mágica e sua relação com a comunidade e as demais relações estabelecidas foram por mim investigadas e vivenciadas. Nesse sentido,

"a observação é chamada de participante porque parte do princípio de que o pesquisador tem sempre um grau de interação com a situação estudada, afetando-a e sendo por ela afetado" (ANDRÉ, 1998: 28).

Nas entrevistas, utilizei a história de vida orientada no sentido de registrar a voz dos sujeitos sobre si mesmos em relação ao projeto, sobre quem são, como se vêem e como pensam serem vistos enquanto membros da comunidade da qual fazem parte. As pessoas foram estimuladas a falar livremente, a partir da visualização de fotografias e da retrospectiva oral da trajetória do grupo, relatando acontecimentos do dia-a-dia no espaço onde se realizavam os ensaios e sobre suas histórias e condições de vida. Também entrevistei professores, o coordenador, um ex-secretário de Educação, pais de crianças, adolescentes e jovens membros da Central Única de Favelas (CUFA), que atua em espaços educacionais diferenciados, ainda que compartilhando do mesmo bairro no qual o projeto se situa. O Projeto desenvolvido pela CUFA é também atuante no bairro Jardim Vitória, porém com características diferentes em função da sua não institucionalização, dimensão esta que lhe confere de maneira plena a categoria hermenêutica que aqui chamamos de instituinte. A CUFA, entretanto, não é o objeto de minha pesquisa. Neste sentido, é a partir da

Orquestra de Flautas que aprofundo as questões inerentes ao projeto e esclareço as dúvidas levantadas quanto à relação prática existente em projetos instituídos e instituintes.

Compreendia que existia no fazer da orquestra um atrativo que a escola não tinha. Não compreendia, no entanto, que se tratava da música. Imaginava que, considerada a realidade, era uma forma que as crianças encontraram para dizer que aquela não era a escola que eles queriam e precisavam.

Foi por isso que decidi investigar, esse fenômeno educativo extra-escolar. A escola era bonita, limpa, atrativa do ponto de vista visual, era virtualmente das crianças, porém, as mesmas não podiam tocá-la para que não fosse depredada. O espaço físico era o cartão de visita. Não era prioridade o educativo, “talvez se tratasse de uma administração empresarial”. Mas as crianças queriam uma escola, não uma empresa.

Outra coisa que chamava a atenção era que a Secretaria de Educação, pertencente à rede municipal, aos poucos perdeu o caráter educativo em função de questões político-partidárias, tão logo se deu a troca de gestores na administração pública. A certeza que íamos fomentar ideias inovadoras foi aos poucos desaparecendo das propostas educacionais do município de Cuiabá e voltando-se para

as formalidades, e/ou para o modismo imposto pela pressão social capitalista de mercado.

O primeiro contato foi em dezembro de 2005. Fui a uma apresentação da Orquestra de Flautas Meninos do Pantanal no Centro de Eventos do Pantanal, com a intenção de me apresentar ao grupo como pesquisadora. Apresentei-me à professora Ellen Mendes, responsável pela preparação inicial das crianças, adolescentes e jovens para o contato com a flauta, que foi muito atenciosa e ficou satisfeita em saber que a orquestra era foco de estudo acadêmico. Fui, entusiasmada, comunicar ao maestro Gilberto Mendes. Senti naquele momento, certa preocupação no olhar do regente.

Embora tenha percebido as mudanças na expressão do maestro, não podia precisar do que se tratava. Iniciadas as aulas no mestrado, deparei-me com professores que ao se referirem ao meu projeto me davam a sensação de que havia um desejo de que eu me ativesse apenas em descrever o que a orquestra trazia de novidade e de bom e que, talvez, eu devesse esquecer o que ela pudesse ter de problemas. Isso me incomodava.

Outras diziam:

Essa orquestra faz uma diferença na vida dessas crianças e na aprendizagem, que é até difícil acreditar. Vou te contar uma história: Lembra de um membro da orques-

tra que faleceu afogado no Rio Cuiabá? Quando aquele menino chegou aqui na escola, era outra pessoa. Respondia, desobedecia, ninguém tinha controle sobre ele. Depois que passou a frequentar o projeto de flauta passou por um processo de mudança total, virou o líder do grupo. Transformou-se em um ser humano sensível e educado. Este ano (2007), recebemos aqui um menino de 10 anos; outro com potencial para ser um grande marginal. Pensando em ajudar essa criança, chamei Gilberto para auxiliá-lo. Atualmente ele faz balé; daqui a cinco anos você venha aqui e pergunte quem é esse menino e, tenho certeza, você verá um menino transformado, porque essa orquestra consegue envolver, motivar e atrair de tal maneira que transforma para melhor.

Perguntei: “e se não existisse a orquestra, a escola não faria com que esse menino se transformasse?”.

A coordenadora escolar, com lágrimas nos olhos, disse: “Não. Se ele ficar esperando a escola, ele será mais um menino perdido no mundo, porque a família dele não possui estrutura para auxiliar na educação dele. Ele não vive em uma família organizada com pai, mãe, irmãos. Ele vive com a avó que é uma pessoa doente e humilde”.

A denúncia era grave: a escola por si mesma, da forma

como era, e é, não podia realizar o processo educacional, pelo menos daqueles meninos que precisariam de uma educação de sua humanidade, que encontraria resposta, para um na Orquestra de Flautas, para o outro, no Balé.

Em outro momento, voltei à escola para entrevistar alguns meninos. Como havia diferença na percepção das duas escolas, decidi ouvir crianças das duas unidades. Pensei em ouvir dois alunos de cada unidade. Quem escolheu as crianças foi uma professora que me indicou dois meninos, aleatoriamente. Fiquei só com os meninos, posto que não havia ninguém da equipe gestora na escola naquele momento. Assim, os meninos foram bem espontâneos. Do meio da entrevista para o fim, chega a equipe gestora que passa pela sala onde estávamos conversando; sala que dá acesso para as demais dependências da escola. A partir daí não foram mais espontâneos e faziam gestos de mostrar que não estavam mais sozinhos. Mas, embora com tom de voz mais baixo, eles continuavam a afirmar a importância da orquestra na vida deles como elemento diferenciador de acesso, de respeito, de reconhecimento, enfim, de oportunidade. Um dos meninos compara o regente a um pai, que pode exigir deles um comportamento diferenciado ou até mesmo fazer algum tipo de proibição, como é o caso em

relação à proibição do uso de cigarros e bebidas alcoólicas, porque ele sabe o que é melhor para eles.

Na outra unidade escolar eu era conhecida como a “tia” que estudava a orquestra. A entrevista que seria formalizada com algumas crianças, tornou-se uma grande reunião com todos os integrantes da orquestra que estudavam na escola; cerca de 12 crianças naquele dia e tornou-se uma conversa entre o grupo que foi fazendo uma grande memória das participações, dos acontecimentos, dos sentidos para sua vida, etc.. A equipe gestora da escola também se fez presente, mas não se constituía, na minha percepção, um elemento inibidor para as crianças.

Para a realização da entrevista com o maestro, difícil foi conseguir agendar uma data possível. Demorou cerca de um ano para conseguir. Só pude perceber sua dificuldade em agendar essa entrevista quando tive acesso a documentos e informações que apontavam para uma possível decepção dele em relação à UFMT.

Por tratar-se de uma pesquisa da UFMT, não havia interesse por parte dele em responder à minha solicitação, uma vez que, quando o mesmo precisou de seu parecer, enquanto instituição, a Universidade, através de seu representante, profissional da área, emitiu parecer de que seu trabalho era meramente

“mecânico e robotizador” das crianças.

Certo dia, numa abordagem informal, alguém me disse assim:

- Puxa, como você é um cara de sorte! Chegando ao Jardim Vitória, periferia de Cuiabá, encontra tantas crianças com talento para a música que te possibilitou a formação desta maravilhosa orquestra de flautas.

Pois bem, de imediato, lembrei-me que, quando tinha a mesma idade de Ane, do Wislan e de muitas outras crianças que tocam e cantam nesse disco, eu sonhava ser músico e ela, a música, foi-me então estranhamente apresentada como algo inatingível, como um saber destinado apenas aos seres iluminados pelo dom original, o talento nato. Aceitar de forma inquestionável, pensei que há uma espécie de unção concedida a alguns privilegiados que, ao nascer são predestinados a tocar Mozart, Bach, Brahms, Villa-Lobos. Pensar que, aos outros menos iluminados, o destino age, concedendo-lhes apenas o deleite de ouvir e aplaudir aqueles; é algo simples demais, que resulta num cruel determinismo imposto pela mãe natureza. Tais pensamentos me impulsionaram no sentido de superar os traumas causados pelos olhares clínicos que me reprovaram com o carimbo de “sem talento para música”. Apeguei-

me à paixão por ela, fui à luta, estudei muito e tornei-me um músico. Dom, talento ou oportunidade? (Fala do maestro Gilberto Mendes no lançamento do CD As Flautas Mágicas, em 05/06/2007).

A entrevista só foi possível por intermédio do presidente da FUNDETEC¹¹. Na entrevista Gilberto mostrou-se sensível e muito humano nas relações. Deu-me uma aula de fenomenologia sem, quem sabe, nunca tê-la estudado. Demonstrou sua paixão pelo que faz. Acredita, mas não tem a preocupação com a educação escolar. Sua preocupação é com a educação musical, preocupação também com o risco de reificação da música e do músico. Demonstra que ele lida com “pequenas estrelas”, mas parecia secundarizar questões sociais e políticas que afetam aquelas crianças.

Ter acesso a piscinas, hotéis, roupas, viagens é supervalorizado pelo maestro; contudo, não percebo esta mesma preocupação com a realidade concreta dos mesmos, que quando voltam para casa continuam morando em seus barracos que não possuem, sequer, instalações sanitárias básicas.

Diante dessa percepção, encontro-me em um verdadeiro “mato sem cachorro”. Vale a pena, ainda que por alguns instantes, sair da dura realidade de vida própria para desfrutar dos prazeres do

mundo dos estabelecidos? Que resultados traria isso à humanidade desta pessoa?

Acredito que as ações educativas desenvolvidas pela e na Orquestra de Flautas Meninos do Pantanal se constituem acordes promissores de motivação para o aproveitar da oportunidade que, na visão do maestro Gilberto Mendes, pode-se transformar em dom e talento.

A felicidade vivenciada por esses atores sociais, mesmo que momentânea, efêmera, poderá alimentar sonhos e esperanças na conquista de uma vida melhor, podendo criar imagens que poderão tornar-se reais e esses momentos efêmeros possam vir a ser constantes em suas vidas.

Por outro lado, percebo que do ponto de vista social fica uma lacuna a ser preenchida, uma vez que não se pode precisar a eficácia dessa ação na vida de cada um dos atores sociais envolvidos no projeto. Neste sentido, faz-se necessário, também, ações educativas que possibilitassem a esses protagonistas uma reflexão e construção de valores para a vida, além da música. Pode-se afirmar que tais ações imprimem um novo ritmo nas vidas de centenas de crianças, adolescentes e jovens pertencentes a uma classe social menos favorecida. Um novo ritmo é possível somente via educação, novas possibilidades e responsabilidades oportunizadas no dia-a-dia do

fazer pedagógico, via flauta e música.

Na busca por evidenciar as percepções, subjetividades e intersubjetividades, tanto minhas como pesquisadora, como dos atores sociais pertencentes ao projeto que compõe a realidade do bairro Jardim Vitória e experimentam as atividades oferecidas pelo Instituto Cultural Flauta Mágica, procuro, a partir de suas respostas, compreender fenomenologicamente os elementos reveladores de como pensam, vêem a si próprios e se sentem como parte do projeto e da vida na comunidade.

Após três anos de trabalho com as crianças junto à unidade escolar, a Orquestra de Flautas ganhou visibilidade, principalmente quando foi reconhecida pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura - UNESCO. A musicalização e a flauta doce conseguiram ocupar o tempo das crianças do bairro em período diverso daquele destinado ao atendimento escolar, envolvendo-as de forma participativa nas atividades.

Torna-se mais claro que o ‘ser sensível à música’ não é uma questão mística ou de empatia, não se refere a uma sensibilidade dada, por razões de vontade individual ou de dom inato, mas sim a uma sensibilidade adquirida, construída num processo [...] em que as potencialidades de cada indivíduo [...]

são trabalhadas e preparadas de modo a reagir ao estímulo musical (PENNA, 1990: 21).

Além das aulas de teoria musical, harmonia e prática de flauta doce, as crianças e os adolescentes do projeto passaram a ter acesso a conteúdos e ensinamentos da história da arte e cultura, educação ambiental, novos aspectos de higiene pessoal, noções de cidadania e civismo. Tais temáticas contribuem significativamente, na visão do maestro Gilberto Mendes, para ampliar a percepção do grupo e colaborar para a construção de um nível técnico elevado.

Esse reconhecimento da UNESCO possibilitou à Orquestra um prêmio no valor de vinte mil reais, com a finalidade de fortalecer as ações desenvolvidas. Na visão, porém, da direção da escola, esse montante deveria ser utilizado para a melhoria das instalações da unidade escolar e, até mesmo, para fins decorativos desse ambiente. Nesse ínterim, a direção da escola proibiu a entrada do maestro no interior da unidade e ainda solicitou que ele devolvesse o material utilizado, mediante a alegação do desinteresse em continuar com a parceria. Esse momento, marcado pelos ponteiros sequenciais e quantitativos de Chronos¹² é entendido nesta discussão como Kairós¹³, o momento oportuno, qualitativo, “uma prática do tempo”, no dizer de Certeau (1994: 157).

Por entender que o projeto consistia numa proposta da Secretaria de Educação e que o material utilizado pela orquestra foi adquirido também por ela, o maestro continuou a fazer uso desses materiais nos ensaios, que passaram a acontecer regularmente em espaços alternativos. À sombra das mangueiras em áreas livres do bairro e em igrejas, espaços comuns para os ensaios, a partir de então.

Ainda que de maneira improvisada e em locais alternativos, os ensaios aconteciam normalmente, até que o maestro em entrevista a mim concedida disse que foi surpreendido com uma intimação para responder por “apropriação indébita de bens públicos”. Essa versão foi considerada perversa pelo Ministério Público que entendia que o projeto, por possuir relevância social e se caracterizar como atividade de inclusão para crianças, adolescentes e jovens do bairro Jardim Vitória, aconselhou a retomada do projeto na escola e, conseqüentemente, que o uso dos equipamentos pertencentes à orquestra atendesse, também, os alunos da Escola Municipal Orzina de Amorim Soares, construída em função dos alunos usuários das salas anexas. Foi solicitado que se oportunizasse também o atendimento às pessoas da comunidade que demonstrassem interesse em participar e que estivessem regularmente matriculadas e frequentando

as atividades escolares, não restringindo a iniciativa em curso apenas aos alunos da Escola Dejani Ribeiro.

Diferente do que muitas vezes se pensa, a crise nem sempre se constitui em aspectos somente negativos. No contexto da Orquestra de Flautas, possibilitou a avaliação e conseqüentemente a ressignificação de valores, pontos de vista e ações. Oportunizou também uma reflexão para ambos os envolvidos quanto ao sentido dos acontecimentos ocorridos no interior da escola, bem como sobre a fragilidade da relação interpessoal e da dificuldade em separar papéis institucionais de papéis pessoais.

No tocante à Orquestra de Flautas a crise implicou em transição e passagem. Ao considerar que toda passagem envolve ações ousadas e oportunidades, independentemente dos riscos e das oportunidades, toda transição possui uma dimensão de continuidade e outra de novidade. A Orquestra de Flautas Meninos do Pantanal realizou um elo com o aspecto de novidade do momento para ressignificar suas ações e alçar voo, instituindo uma nova forma de ação, sem a interferência do aparelho estatal e com o auxílio de parcerias estabelecidas com algumas empresas de Cuiabá, tais como a Rede Cemat, a Farmácia Nossa Senhora de Fátima, a Rede de Supermercados Modelo, e a Vivo, entre outras. A experiên-

cia da Orquestra de Flautas Meninos do Pantanal foi publicada na obra “Cultivando vidas, desarmando violência,” da UNESCO. Com a divulgação dos trabalhos pela mídia impressa e televisiva, começaram a surgir os convites para apresentações fora do estado e em outros países.

A Orquestra de Flautas do Jardim Vitória apresentou-se em São Paulo, em Minas Gerais e em outros estados do país. Em 2004, a Orquestra aceitou o convite para participar do 20º Encontro Internacional de Orquestras Infanto-juvenis, que ocorreu na cidade de Brive-la Gaillarde, na região de Bordeaux, na França. Gilberto Mendes informa que:

Nessas oportunidades de sair da periferia e ir para o seio da elite, onde eles têm a oportunidade de ver e comer num bom restaurante, de sentar numa boa mesa, se hospedar num bom hotel, e isso para eles é um paraíso, é um sonho; levantar de manhã depois de ter dormido numa cama com colchão de primeira, de fazer um café da manhã com frutas, estar num hotel para descanso com piscina, sentar numa cadeira e tomar sol, e você vê no rosto deles uma expressão absolutamente diferente, que muda a fisionomia deles. Tem aquele ritual de ensaiar, de sair do hotel, ir para o lugar do concerto, tem todo aquele clima, o som, as bailarinas, os outros artistas. [...] Então

eles se sentem no epicentro de um evento. E, na véspera, no momento, que antecede o concerto, a expectativa, o público chegando, a sensação, a adrenalina, expectativa, até que o apresentador vai lá, anuncia, aquele nervosismo de subir no palco, a tensão. [...] E depois vem aquele momento de confraternização: são coisas inesquecíveis que acontecem na vida de qualquer pessoa que tem acesso a isso. Para eles é o máximo, e isso serve como principal elemento motivador. (CASTRO, 2001: 244).

A compreensão do maestro, quanto às oportunidades geradas nas apresentações fora de Cuiabá, nos remetem à percepção de que a miséria se abastece temporariamente de comida e bem-estar material.

O ponto de vista do maestro nos leva a perceber que o capital favorece cada vez mais a exclusão social, num círculo vicioso, se constituindo a educação, portanto, a melodia transformadora da realidade oprimida por meio de um círculo virtuoso.

As identidades dos integrantes são em grande parte atribuídas à participação das crianças na Orquestra de Flautas; e o reconhecimento dos outros, constitui e sustenta essas identidades na relação de troca, aceitação e valia. Dimensão que a universalidade de situações de direito restritas a poucos proporciona para as

crianças. Circunstância em que se dá a ampliação da visão de mundo pela experiência do não-cotidiano pois, em geral, as entidades são reconhecidas quando a elas são atribuídos valores pelos seus “poderes”.

Esse momento, que representaria um marco importante na vida da história da orquestra, materializa a utopia de transformação de vidas, valores e ações, e coloca em movimento toda a comunidade no sentido de praticar e vivenciar os princípios da educação popular, na medida em que coletivamente passam a refter formas de resgatar e construir identidades. Até então, algumas pessoas integrantes da orquestra sequer conheciam seus pais, não tinham registro de nascimento, não eram cidadãos do ponto de vista legal.

Iniciou-se, então, um processo de educação intenso, de reconstituir histórias, de repensar atitudes e de construção de novas possibilidades. O passaporte, que conferiu o direito de embarque para o exterior, consistiu também na “passagem” para uma nova vida. Assim, os pais dos integrantes da Orquestra de Flautas tiveram que assumir legalmente a condição de tutores, registrando seus filhos. O maestro Gilberto Mendes, em entrevista a mim concedida no dia 11 de junho de 2007, na sede do Instituto Cultural Flauta Mágica, disse:

Foi um momento muito especial, de muito trabalho e pesquisa. Tinha criança que não conhecia o pai biológico e passou a conhecer em função da necessidade de fazer a documentação para a viagem. Nesse momento é que muitos deles tiveram a oportunidade de conhecer sua família [...] Também foi um momento de aprendizagem. Tivemos que prepará-los para falar outra língua, viver ainda que por um curto espaço de tempo uma outra cultura. Foi necessário preparar um enxoval, tinha alguns deles que não possuíam roupas.

Todos os componentes do grupo foram matriculados no curso de línguas, iniciando um novo processo de resignificação de relações e de vidas. Estabeleceram outro marco: o momento da institucionalização da orquestra foi algo importante, em razão da necessidade de realizar parcerias e garantir recursos para a confecção de documentos, pagamento das despesas das viagens, passagens, estadias e refeições do grupo, além da organização de roupas adequadas, considerando a diferença climática a ser enfrentada.

Os integrantes da Orquestra de Flautas Meninos do Pantanal foram aplaudidos de pé por um público superior a 1.200 pessoas que lotou a belíssima Igreja de Saint-Martin, em Brive-La-Gaillarde, na França. Estiveram presentes

também 30 consagrados maestros e 800 músicos integrantes das 30 orquestras participantes do XX Orchestrades Universelles - Encontro de Orquestras Jovens da Europa¹⁴.

Outro aspecto importante a ser destacado em relação à orquestra diz respeito à qualidade do repertório que, de acordo com o maestro, a técnica e a interpretação das obras de Bach, considerado por muitos o maior compositor da história da música, ainda que pouco reconhecido no tempo em que viveu, mas muitas das suas obras re fetem uma grande profundidade intelectual, uma expressão emocional profunda e, sobretudo, um grande domínio técnico, responsável pelo fascínio que diversas gerações de músicos demonstraram pelo Pai Bach, especialmente depois de Felix Mendelssohn que foi um dos responsáveis pela divulgação da sua obra, até então bastante esquecida.

Depois de conquistarem prêmios importantes e fazerem apresentações no Brasil e no exterior, a Orquestra de Flauta Meninos do Pantanal foi conquistando o público e o reconhecimento da sociedade. No final de 2005, e também em 2006, recebeu o prêmio do projeto Criança Esperança, da UNESCO e promovido pela Rede Globo de Televisão, momento em que apresentou sua arte, ao vivo, para milhões de telespectadores brasileiros.

Premiada nacional e internacionalmente, a Orquestra de Flautas, hoje integrante do Instituto Cultural Flauta Mágica, existe há nove anos e trabalha na qualificação profissional de crianças e jovens, oferecendo a música como alternativa de combate à criminalidade e exclusão social. Já se apresentou também no Congresso Nacional, em 2002, para os funcionários do órgão. Entre os prêmios conquistados pelo Projeto Flauta Mágica, destacam-se: Cultivando Vidas, Desarmando Violências (UNESCO/2001); O Bom do Brasil (Revista Ícaro/2003); Darcy Ribeiro (Congresso Nacional/2004); Troféu Pantanal (Secretaria de Desenvolvimento do Turismo de Mato Grosso/2005); Projeto Criança Esperança (UNESCO/Rede Globo/2005); e Projeto Criança Esperança (UNESCO/Rede Globo/2006).

Com um começo tímido, hoje o Instituto Cultural Flauta Mágica não se restringe somente ao ensino musical. Atualmente atende pouco mais de 500 crianças nas áreas de música, balé e canto, nos bairros Pedra 90, Osmar Cabral, Jardim Ubirajara e Lixeira, além do Jardim Vitória.

Percebe-se que o trabalho desenvolvido pelo Instituto Cultural Flauta Mágica vincula-se prioritariamente às questões artísticas, também necessárias ao desenvolvimento humano, com pouca ênfase aos aspectos sociais evidenciados.

dos pela dura realidade de vida no bairro Jardim Vitória.

Neste contexto, em junho de 2007, mês em que o Instituto Cultural Flauta Mágica comemorou nove anos de atividades no bairro Jardim Vitória, celebrou-se também a realização de grandes sonhos. Sonhos em que os atores protagonistas são crianças, adolescentes e jovens que acreditaram que as forças que tentavam mantê-los sufocados na base da pirâmide social¹⁵ podiam ser superadas com determinação, dedicação e fé, principalmente em si próprios. Durante esse período, o Projeto revelou, além de dezenas de jovens instrumentistas bem sucedidos no universo musical, também alguns dados estatísticos: uma aluna formada em nível superior; dois alunos no curso superior na Universidade Federal de Mato Grosso; doze alunos que cursam gratuitamente o cursinho pré-vestibular oferecido pela Prefeitura Municipal de Cuiabá; quarenta alunos no terceiro ano consecutivo do curso de inglês no CEFET-MT, atualmente Campus Octayde Jorge da Silva, pertencente ao IFMT; treze alunos na faixa etária entre quatorze e dezesseis anos, incluídos num programa para o primeiro emprego do Governo Federal, com cursos gratuitos de qualificação e recebendo meio salário mínimo por mês; um aluno atuando como professor de música de uma

escola particular, Colégio Isaac Newton - CIN, com renda mensal superior a mil reais; uma aluna atuando como monitora de música para iniciantes, com renda de um salário mínimo mensal, paga pelo Bradesco; três alunos encaminhados para o mercado de trabalho com remuneração superior a um mil e quinhentos reais, também financiados pelo Banco Bradesco.

Depoimentos de professores e pais de alunos do projeto atestam a melhoria da disciplina e do relacionamento dos alunos na escola, entre os amigos e no seio familiar, sendo que, segundo a coordenação do projeto, não existe nenhum envolvido com drogas ou criminalidade, entre centenas de beneficiários. Em entrevista a mim concedida no dia 20 de outubro de 2006, a coordenadora da Escola Municipal Orzina de Amorim Soares, afirma:

As crianças que faziam parte do projeto eram mais calmas e comprometidas. Não existiam reclamações desses alunos pelos professores. [...] "Eu me lembro que o Milton, antes de participar do projeto, tinha sérios problemas de relacionamento com alunos e professores. Depois que entrou para a orquestra, mudou completamente de comportamento".

Da mesma maneira, em entrevista realizada no dia 5 de junho de 2007, dia do lan-

çamento do CD da orquestra, momento em que a satisfação era visível no olhar desta e de tantas outras mães dos componentes da orquestra de flautas, a mãe de uma aluna que participa do projeto, observa que ao longo dos nove anos de existência, o número de crianças, adolescentes e jovens que não pode continuar no projeto é muito pequeno.

O projeto é bom. Minha filha participa dele já faz tempo, uns 5 ou 6 anos. Ela não é menina de sair, beber, fumar. É o projeto que ensina ela ser assim, responsável. [...] Esse projeto é bênção. Eu não preciso ficar lembrando de horários, compromissos e ensaios. Ela mesma lembra de tudo e ainda dá conta de ajudar nos serviços da casa e estudar. Nunca reprovou e não dá trabalho, nem em casa e nem na escola.

Algumas dessas pessoas se mudaram de cidade ou de bairro inviabilizando seu comparecimento nos ensaios semanais. Outros desistiram por não conseguir lidar com o preconceito inicial existente, sobretudo quanto ao fato de meninos realizarem uma atividade artística, que exige sensibilidade. Muitas vezes eram tratados pejorativamente pela comunidade, que considerava a atividade eminentemente feminina.

Mas, segundo o maestro Gilberto Mendes, nem tudo se

deu de forma simples e fácil na vida da orquestra. A orquestra perdeu um dos seus melhores instrumentistas, integrante do grupo desde sua formação inicial ainda na Escola Dejeni Ribeiro, em um acidente que o vitimou por afogamento no rio Cuiabá. Houve também alguns casos de desistência por falta de disciplina com os horários de ensaios e frequências nas aulas teóricas de língua, história da arte e da música, entre outros.

Segundo depoimentos de professores de escolas da comunidade, é visível a diferença de vida entre as crianças, adolescentes e jovens que desistiram e os que permanecem no projeto, no sentido de que existem entre os que desistiram ocorrência de gravidez na adolescência, envolvimento com drogas e pequenos furtos, o que não se observa nos integrantes do projeto, que possuem um comportamento diferente, na visão da comunidade. Em entrevista concedida a mim, no dia 28 de setembro de 2007, na escola Dejeni, Jodiel afirmou que *tem meninas que desistiram do projeto e mudaram de comportamento. Umas já têm até filhos. Uns dois que eu conheço começaram a beber e a fumar depois que desistiram. [...] Pra tocar na orquestra não pode ter vícios. Nem fumar, nem beber. O maestro fala que além de não ser certo, atrapalha na qualidade da produção musical.*

Documentos recebidos a partir da tournée realizada na

Europa e avaliação de imprensa desses países demonstraram, em recente e ampla pesquisa realizada pela Internet, via de documentação fotográfica e DEMOS¹⁶ de áudio e vídeo, que a Orquestra de Flautas do Instituto Cultural de Flauta Mágica se iguala e, até, supera em qualidade, repertório e desempenho técnico as principais orquestras de flautas da Europa, dos Estados Unidos, Japão e de outros países. Considerando as adversidades das condições sócio-econômico-culturais da Orquestra de Flautas Meninos do Pantanal em relação àquelas, é possível vislumbrar a eficiência do trabalho interno que é utilizado ao longo do processo de atuação desses meninos e meninas e a qualidade musical do que está sendo proporcionado pela competência do Maestro, e segundo ele, competência pela produção coletiva, e não apenas pela atuação individual.

Para Gilberto Mendes, o CD *As Flautas Mágicas*¹⁷, produzido pela orquestra de flautas é um documento que comprova o poder que emana do ser humano quando este se propõe a construir, coletivamente, algo de bom para o bem comum. Quando se trata de arte, então, o resultado é muito mais significativo segundo o maestro.

O lançamento dessa obra, singular ao público mato-grossense, argumenta Gilberto Mendes, teve a preocupação

com a qualidade da produção de um concerto, que não poderia ser realizado em outro local, senão o bairro Jardim Vitória. Desta forma, o grupo já se consagrou no universo cultural nacional e internacional, e conta com o apoio da UNESCO, Rede Globo de Televisão, pelo programa Criança Esperança, Empresa Pantanal de Energia e da REDE Cemat, via incentivo fiscal do Ministério da Cultura, a Lei Rouanet. Neste sentido a oportunidade foi criada para mostrar aos seus familiares, vizinhos e amigos, uma transformação social que, de fato, está aí para que todos possam visualizar o impacto do trabalho realizado e exposto na mídia.

Pode-se perceber que há, sem dúvida, grande importância em que tais projetos de educação popular possam vir a ter, colaborando eventualmente para a inclusão, empoderamento e emancipação do oprimido. Ainda que o Projeto Orquestra de Flautas Meninos do Pantanal não se configure a solução para todos os problemas sociais do Bairro Jardim Vitória e das crianças, adolescentes e jovens que fazem parte dele, colabora com a possibilidade do sonho e da esperança, apesar de não contemplar todos os aspectos de integração social necessários a uma vida de acesso aos direitos mínimos.

Embora os pais entrevistados vejam o projeto como um redentor da comunidade,

é estranho perceber que a própria família abra mão da sua responsabilidade na educação dos filhos, em função da fetichização de uma ação que se constitui apenas mediação para uma base educacional mais ampla, como o domínio do saber escolar, a leitura, a escrita, o acesso ao simbólico e às tramas das relações sociais; elementos todos estes, imprescindíveis para esses meninos e meninas que têm pais, vida familiar, frequentam a escola e vivem em comunidade, exercitando diariamente o convívio com o outro.

Não é que qualquer projeto dessa natureza produza uma educação no sentido amplo, mas, a direção dada pela coordenação das pessoas que conduzem o projeto demonstra que ele vai além da mera complementação escolar, ou da mera orientação musical ou artística. Em entrevista realizada em 5 de junho de 2007, dia do Lançamento do CD no bairro Jardim Vitória, a mãe de dois integrantes da Orquestra de Flautas Meninos do Pantanal, afirmou que:

Esse projeto é bom. Ele educa [...], meus filhos não estão perdidos na droga porque participam dele. Os meninos aprendem a ter responsabilidade. O Gilberto exige o boletim e até vai à escola para saber se está tudo bem, se eles estão frequentando as aulas direitinho, respeitando os outros [...]. Para fazer parte da Orquestra tem

que ser exemplo.

O projeto Orquestra de Flautas Meninos do Pantanal, contudo, apresenta também algumas possíveis ambiguidades, tais como a produção de saberes artísticos e musicais na perspectiva da cultura popular de massa, considerando que a prática educativa, via musicalização, se dá em um contexto erudito, assim como o fato de que, mesmo em se tratando de uma ação coletiva, os coordenadores envolvidos são pessoas pertencentes a uma mesma família.

As ações educacionais têm um caráter carismático no sentido rigoroso, posto que estão centralizadas na pessoa do maestro, ainda que elas apresentem características participativas e criativas de um movimento instituinte.

É impossível negar que a ação desenvolvida pelo Instituto Cultural Flauta Mágica possua um caráter educativo importante para a vida das pessoas envolvidas, e que se trata de um projeto inédito. Porém, não é possível deixar de perceber que as ações estão vinculadas a uma pessoa e seu grupo familiar, talvez por isso mesmo possuindo certa coesão, mas dimensões culturais restritivas no que diz respeito à vivência de outras matrizes culturais, de outras humanidades. Mesmo possuidor de características de um movimento instituinte, não o é em sua plenitude, dadas suas particularidades

institucionais. Por isso, mesmo não desenvolvendo um processo educativo ideal do ponto de vista pedagógico, instituinte e popular, é um projeto educativo, porque constrói humanidades.

Os movimentos nessa perspectiva, na visão de Linhares (2004), são, da mesma forma, emancipatórios, que alimentam suas forças das memórias de lutas éticas que, apesar de vencidas, não podem ser exterminadas pela imensa capacidade de reinvenção da história que carregam, pelos seus compromissos e sonhos de liberdade e sabedoria que nunca deixam de existir, como é o caso da Orquestra de Flautas, considerando sua trajetória e relação com a Escola Dejani Ribeiro.

Em entrevista realizada em 11 de junho de 2007, na sede do Instituto Cultural Flauta Mágica, Gilberto Mendes afirmou:

aqui acontece a produção de múltiplos saberes [...] as crianças aprendem não só a tocar flautas, mas também valores para a vida [...] as atividades realizadas levam ao exercício da atenção, concentração, sentimento e do olhar [...] Nossa preocupação é desenvolver a tecnologia social, que consiste na produção de saberes que resulte em envolvimento e crescimento.

A fala do maestro é procedente. De fato, no dia-a-dia

das ações desenvolvidas pela orquestra de flautas acontece a produção de múltiplos saberes. Porém, deixa a desejar no sentido em que todas as atividades visam o aprimoramento da música como elemento principal e não o enfoque para solução das demandas sociais que envolvem seus componentes em um sentido amplo. Fica, contudo a pergunta, seria possível o desenvolvimento centrado na última, resultar em uma dimensão artística com a mesma performance? Poder-se-ia dizer que há uma fragilidade no Projeto por não se abrir aos debates de uma agenda social de luta pela democracia no sentido macro?

Neste contexto, instituinte é, portanto, aquilo que institui outra realidade, marcada pela inclusão nem sempre de todos e de forma inteira, porém inclusão. (LINHARES, 2006).

Por se tratar de experiência inédita, portanto, denominada instituinte, o significado dessas práticas são impressos na medida em que o fazer é exercitado, sem uma prévia ideia do resultado, que caso não atenda às reais necessidades do grupo passa por um novo processo reinventivo, a fim de cumprir com as expectativas que motivam o fazer.

Nessa trama, os atores envolvidos no processo fazem o papel de alegoristas. Passo a passo, pacientemente idealizam e combinam diferentes

peças, para obter um resultado satisfatório.

Em cada tentativa de construção de um projeto há um aspecto de novidade, algo ainda não experimentado, portanto carregado de expectativas. O resultado da ação depende dos anseios e desejos daqueles que se lançam no sentido de construir aquilo que ainda não existe, mas que carrega em si a esperança de novas possibilidades, em prol de experiências significativas.

O projeto que anima a Orquestra de Flautas Meninos do Pantanal alimenta o sonho de seus integrantes na busca de sempre melhorar e de orientar na direção de práticas criativas que superem as convencionais rotineiras, possibilitando a invenção do novo, de uma nova partitura, que consiste na expressão da totalidade prevista para a execução. É ela que sinaliza, indica para cada intérprete singular, a partir do seu instrumento, de sua sonoridade e expressão, qual o momento específico e o tempo de sua entrada, que enfeita na verdade o conjunto, cria a musicalidade, expressa em timbres combinados o arranjo que culmina numa frase melódica ou musical. Ninguém pode se omitir nesta presença singular e coletiva, que se junta para produzir a beleza, a harmonia, o encanto, a surpresa, o sabor. Este foi, no relato da palavra dos atores e intérpretes pesquisados, o sentido de cada um, no tempo e no timbre da

sinfonia da Orquestra.

Trata-se de uma prática inédita porque é construída gradativamente, de maneira coletiva. Não existe um modelo a ser seguido porque leva em consideração os desejos de uma outra vida.

Vive-se, atualmente, uma época extraordinária de tensões e diversidades. Um momento em que valores e práticas de direitos se contradizem em função do presente e das perspectivas de futuro. As exclusões se alargam, mas não impedem a insurgência de movimentos plurais. E os antagonismos crescem, ainda que atravessem processos em que muitas vezes se tornam ambivalentes e híbridos. Neste contexto, escrever sobre o instituinte, em uma sociedade desigual, é instigante, colocamos, diz Linhares, diante de muitas contradições, mas também diante de singularidades. Da mesma forma, analisar e compreender a Orquestra Flauta Mágica, sob a ótica instituinte de Educação Popular, não se constitui tarefa menos complexa.

Assim, compreende-se ser o tema instituinte de grande relevância, embora represente uma categoria compreendida como dinâmica e ainda pouco explorada e, portanto, requer estado de imanente desafio ao abordá-la. Nesse sentido, busca-se percorrer um diligente caminho, na tentativa de contribuir para a compreensão das muitas

possibilidades de superação de situações-limite que a Orquestra Flauta Mágica, enquanto prática instituinte, apresenta e a partir das quais alça voo.

A música é o ritmo vital! Essa verdade expressa por Linhares durante a defesa pública dessa dissertação me fez refletir sobre a música no aspecto biológico. De fato, não é de se estranhar o fascínio que nós homens e mulheres temos pela música. Desde o ventre materno somos envolvidos pelo som e pelo ritmo da música que gesta a vida e que certamente nos acompanha ao longo da busca pela sua manutenção.

O estudo que aqui se esboça tem por objetivos focar o instituinte enquanto dimensão e conceito integrante da educação popular numa sociedade intercultural e complexa, por meio da Orquestra Flauta Mágica. A ação exercida pelo projeto é entendida, por mim, como ação inédita, como instrumento de emancipação, de libertação, de forma a analisar e compreender teoricamente a perspectiva de ultrapassagem de situações-limite no projeto instituinte de educação, no tocante à possibilidade de superação da cultura do assistencialismo em vista da instauração de projetos educativos.

Faz-se necessário, neste contexto, compreender a educação para a emancipação, enquanto prática viável de educação popular, via movimentos sociais, por se tratar de

uma educação pensada, planejada e praticada por pessoas de classe economicamente desfavorecida, no contexto coletivo, tendo como foco a ação coletiva, que busca atender às reais necessidades da comunidade.

Ao enfrentar o desafio no sentido de escrever sobre o instituinte, enquanto categoria integrante da educação popular, vem à mente a possibilidade de realizar uma comparação desta categoria com a proposta freireana¹⁸, a qual tem grande aproximação com o objeto deste trabalho: a emancipação. Assim, a ideia do inédito-viável¹⁹ em Freire é, sem dúvida, um ponto convergente do instituinte, ao qual se pretende discutir. Acredito que uma educação popular no sentido freireano terá necessariamente atenção e porá, inclusive, num contexto de dominação e de institucionalização perversa, ênfase central na sua dimensão instituinte.

Ao estudar a Orquestra de Flautas sob a ótica instituinte de educação popular, não se tem a pretensão de apresentar experiências perfeitas. Ao longo da pesquisa, estaremos com a atenção voltada para a identificação, via educação popular, de fagulhas promissoras de outra cultura político-social e educacional presente na ação educativa da Orquestra de Flautas do Instituto Cultural Flauta Mágica.

A prática desenvolvida pela Orquestra de Flautas busca priorizar o reconheci-

mento das alteridades²⁰, ponto comum das filosofias da libertação, caracteriza-se pela passagem diacrônica que parte do ouvir a palavra do outro até chegar à interpretação intersubjetiva do sentido posto pelo outro, como preconiza a ética humana, segundo Dussel (2006) revela, ainda, a sugestão de se ouvir, ouvindo-o-outro, não apenas subsumindo-o em sua totalidade, mas compreendendo-o após uma temporalidade diacrônica, em que o assumido resgata o escutado e se expressa na palavra da aceitação alterada (de alteridade).

Pode-se afirmar serem experiências diferenciadas, em que se regozije com o prazer de criar, de diferir solidariamente em uma realidade marcada pela diferença, mesmo reconhecendo as ameaças, sustos e desafios que tudo isso envolve.

Imprescindível discutir a prática da Orquestra de Flautas como possibilidade de construir novos espaços e tempos, no contexto da educação não formal, com uma organização espaço-tempo mais flexível, desenvolvendo importante papel para a ampliação da cultura científica e humanística. Bem como da ampliação da ressignificação da educação popular, de fazeres instituintes que recuperem antigos sonhos de justiça, que questionem práticas instituídas, como é o caso da Orquestra de Flautas em relação à escola Dejeni Ribeiro, buscando formas estimulantes de possibilitar educação de

maneira não convencional, porém coerente com o desejo e a realidade dos atores envolvidos em diferentes contextos.

Desta forma, as práticas instituintes, enquanto partes integrantes da educação popular devem aliar informação e ensino-aprendizagem, em prol da promoção da ampliação da cultura e construção de valores. Valores que reflitam o aumento do empoderamento da população a partir da ampliação do exercício da sua cidadania. Para isso, ela deve também trabalhar para desmistificar a ciência e motivar o pensamento problematizador crítico e investigador na compreensão-ação dos problemas sociais.

Partindo da ideia de que o ato de educar está envolvido numa trama complexa de relações que entrelaçam subjetividades, poderes, intencionalidades, histórias de vidas, cotidianos, emoções, racionalidades, corpos e mais uma série de interações invisíveis e imperceptíveis, compreender essa trama demanda abordagens teóricas abertas, inacabadas e complexas. Nesse contexto, os saberes, construídos no ato de educar, sobretudo, via educação popular, se encontram abertos às constantes mudanças, advindas da própria dinâmica do envolvimento dos atores sociais ali envolvidos. Mas afinal, o que é instituinte? O que institui esta categoria?

A necessidade do estabelecimento de uma leitura

das novas configurações sociais, visando a constituição de uma análise compreensiva marcada pela luta contra as desigualdades, embora comprometida com a pluralidade, leva a uma memória que retome e ressignifique o sentimento, a empatia da luta, do movimento, que se contrapõe aqui à apatia, ou seja, ao ideal de que nada pode ser feito e daquilo que é inevitável nas estratégias neoliberais marcadamente presentes na história oficial dos vencedores. Uma memória que evidencie que no interior de toda história existem ecos de vozes que emudeceram, mas que estas vozes fazem questão de afirmar uma positividade ética que ultrapassa as derrotas, grifando que houve luta, sublinhando com letras maiúsculas que fizeram parte dela, e, portanto, convocando para ressignificá-las no tempo presente.

Ressignificar ecos das histórias dos vencidos e/ou dos movimentos instituintes é, para Benjamin, segundo Linhares, estabelecer uma confluência entre memória (passado) e movimento cotidiano (presente), no que concerne à busca de forças, daquilo que vibra, que não se cala em direção ao futuro.

Linhares (2004) conceitua o instituinte, como movimentos incessantes, dinâmicos, contraditórios e ambivalentes que vão recriando a cultura que é inseparável da própria vida, sempre em devir, que im-

plica em transformação, fluxo constante presente em tudo o que existe no mundo, pois a mudança nasce do conflito entre os contrários. Nesse caso, em particular, por se tratar de uma construção coletiva, materializada a muitas mãos, é certo que no dia-a-dia surjam algumas arestas.

A Orquestra de Flautas Meninos do Pantanal, na perspectiva de Linhares, admite a contradição e a ambivalência como partes integrantes de um movimento, uma vez que a Orquestra de Flautas, embora produza conhecimento e possibilite a produção e compartilhamento de saberes, apresenta, também, contradições que não se configuram um conjunto de experiências plenas.

Direcionamos nossos olhares também nessa lógica composta de forças e movimentos dinâmicos que, muitas vezes, são congelados, por reconhecer nas práticas educativas essas características, como muito bem exemplifica a ruptura da escola com a orquestra de flautas. Portanto, é aí que a Orquestra de Flautas tem a possibilidade de encontrar brechas para desenhar uma nova prática, uma ação instituinte. O instituinte tem seu espaço no instituído e dá sentido a ele, enquanto condição de sua existência, como pode ser visualizado na ação da Orquestra de Flautas junto à escola Dejeni Ribeiro, enquanto um desejo coletivo. O instituído é formado pelas

normas estabelecidas, pelos vínculos jurídico-políticos reconhecidos socialmente na sociedade formalmente constituída, e que utiliza meios e recursos que expressem, visível e publicamente a identidade, origem e a segurança da convivência dessa alteridade dentro da mesmidade institucional. O instituído se nutre da vida cotidiana, do permanente, do premente, no caso, da escola enquanto adereço legitimado pelo controle institucional da ordem legal. Nesse meio termo, entre o instituinte e o instituído está, dialeticamente, o instituindo-se, o qual emerge no processo mesmo de sua gestação, debate, parturição de novos valores, normas e procedimentos. Temos, enfim, como condição básica da educação projetada a educação da nossa utopia, a educação vivida, aquela que encontramos historicamente e que, em processo, coletivamente procuramos transformar, considerando as particularidades e necessidades das pessoas envolvidas no projeto normalmente vinculado à educação não-formal, que acontece junto às entidades institucionalizadas. (LINHARES, 2007).

Linhares admoesta que é preciso cautela, de modo a evitar uma generalização maniqueísta, ao afirmar que o instituído sempre é mau e que o instituinte é sempre bom. Contudo, pode-se admitir que o instituído, tende à resistência quando exacerbada no aspecto

político. Da mesma forma, pode-se prever mecanismos de manutenção, conservadorismo ou, até, reacionarismo, na medida em que se acha reconhecido legal e juridicamente, fechando-se à possibilidade do novo, impedindo inovações. Isso ocorre porque em geral as práticas institucionalizadas não consideram os desejos coletivos de mudança na mesma perspectiva dos movimentos oriundos da educação popular. Na prática, quando um projeto está dando certo, costuma-se preservá-lo, mas de qualquer forma terá como critério um sadio pragmatismo, do jeito popular de conceber que “em time que está ganhando não se mexe”.

O instituído, que representa o statu quo, atua com um dispositivo de forças às vezes violentas visando produzir imobilidade, que a ruptura da Escola Dejeni Ribeiro produziria com propriedade, não fosse o movimento coletivo dos atores sociais envolvidos na atividade extracurricular, realizada junto aos alunos da referida unidade escolar, por atribuírem significado positivo a uma atividade nova, capaz de agregar novas perspectivas às vidas desacreditadas e em ritmo crescente de declínio social.

Assim, a experiência instituinte, produzida via ação da Orquestra de Flautas Meninos do Pantanal, pode ser inferida, conforme afirma Linhares (2007), como resultante

dos movimentos endereçados e praticantes de um tipo de organização marcada pela prática permanente do exercício de autonomia e emancipação, na busca por qualidade no fazer coletivo que se afirma como uma experiência comum, partilhada por um grupo, contrapondo-se, desta forma, à experiência pontual, isolada e fragmentada do sujeito isolado de seus pares. É uma experiência aberta, que não se afirma como símbolo que tenha um significado unilateral, mas como alegoria, por seus múltiplos sentidos e leituras.

O instituinte, nem sempre diz respeito ao novo, mas representa uma busca constante do movimento emancipador, movimento este que se articula ao passado, presente e futuro. Na prática, as ações passam a ser inovadoras por serem ressignificadas e recriadas a partir da realidade de vida, exercício contínuo realizado no dia-a-dia da Orquestra de Flautas pela necessidade diária, premente, de condições para inúmeras coisas, sobretudo de ser feliz.

Segundo Linhares (2004), as experiências instituintes não são puras, não se protegem em redomas, justamente por admitirem que dada à dinâmica da realidade, na relação diária dos atores sociais existem diferenças de pontos de vista, desejos e ações. Elas se dão na vivência com a realidade e, por isso mesmo, se entrelaçam com as dimen-

sões já instituídas, como muito bem se aplica à realidade da Orquestra de Flautas. Mesmo assim, não se pode deixar de pesquisar seus impulsos criadores, novas formas civilizatórias, onde convivam múltiplas culturas, outros processos educativos e formativos, outras modalidades de educação, que reforcem a autonomia da instituição e das pessoas, e culmine em processos de institucionalização que antecedem a dúvida entre permanecer com o carisma produzido pelas práticas inovadoras em detrimento do poder. Poder oriundo da estabilidade de ações institucionalizadas. Justamente esta dualidade é o que reforça a importância deste estudo em vista da contribuição para novas formas educacionais a partir dos movimentos sociais; formas essas que contribuam com a realidade de vida da comunidade do bairro Jardim Vitória em Cuiabá-MT, como experiências que a ela se assemelham.

Assim, comungando com o pensamento de Linhares (2004), se as experiências instituintes procuram diferir em movimentos criadores e estremecer o que foi organizado pela história, o instituído também procura apropriar-se delas e, assim, garantir alguma dose de vitalidade. Em outras palavras, isto quer significar a imprescindibilidade dos movimentos instituintes, apesar das recusas que eles provocam pelas suas estranhezas, signo

da perda, em algum grau, de suas naturalizações e familiaridades. Mas, há em tudo isto perigos de apropriação dos flashes instituintes, com sua redução a um tipo de modismo ou de rótulo, com sua potência aniquilada pelos controles, subalternização e diferentes ordens de aniquilamento impostas pela dominação de poderes já estabelecidos, legitimando a dominação em seus diferentes aspectos.

A Orquestra de Flautas Meninos do Pantanal, contrapondo-se ao modismo e a uma reprodução estática do passado, busca, segundo minha interpretação, na experiência instituinte, sinalizar a densidade da experiência humana, recuperando, assim, o sentido de uma memória viva e pulsante, onde o olhar para o passado potencializa o presente e possibilita a construção dos projetos futuros.

Linhares (2004), argumenta que como as experiências instituintes estão sempre em devir, uma vez que são pensadas e exercitadas no presente, sem que haja um modelo a ser seguido, pisando em um terreno movediço, sem certezas e comprovações da história, mas enfrentando e infiltrando-se nas tramas instituídas, aproveitando frestas e contradições, é assim que afirmam a outreidade, o lugar da experiência, como criação interminável da própria vida, da sociedade e da existência e, portanto, com um potencial

capaz de surpreender-nos, de modos infinitos.

Sabe-se que a educação pode e precisa ser outra, atendendo às reais necessidades e autonomias dos que a constituem; autonomias que para serem preservadas e fortalecidas, não podem prescindir da sociedade que as sustenta, da política e racionalidade que nos organizam e de condições de vida que garantam nossa permanência como espécie no planeta que compõe o universo. Assim sendo, as experiências instituintes não podem dissolver o que elas representam como expressões marcantes de uma pluralidade de valor inestimável e relevante que elas dão às manifestações da cultura popular, organizando o fazer educativo de modo a facilitar os processos cognitivos, num empenho de superar as desigualdades sociais e escolares em um contexto de educação coletiva.

As ações instituintes, produzidas no fazer da Orquestra de Flautas, surgem do envolvimento dos atores que protagonizam a vida da própria orquestra, expressando os desejos de seus integrantes, construindo e reconstruindo de maneira dinâmica espaços de ações num processo interativo no meio em que atuam, buscando transformá-lo. O instituído é importante e necessário, daí o fato de não negar a importância da escola no processo de elaboração das ações instituintes, gerando a

crise, essencial para a elaboração de outras possibilidades de ações para além de seu interior.

É o instituinte que, como projeto de construção coletiva pelos agentes do processo educativo, se configura como algo que não é e nem pode ser dado por alguém, mas pressupõe um contexto livre, onde se possa criar possibilidades para participação efetiva de todos. Neste contexto, os atores sociais são aprendentes e ensinantes ao mesmo tempo, no sentido freireano.

No entanto, afirma Linhares (2007), qualquer observação atenta, desejosa de transformações, irá apreender outras concepções de política, de educação e de conhecimento que vêm surgindo dos mais diferentes meios sociais, na busca de atender necessidades e de se contrapor às muitas formas de opressão.

A Orquestra de Flautas Meninos do Pantanal, assim como muitos outros projetos, procura se legitimar, por meio de processos de institucionalização, como um modo de oficialização, que implica num reconhecimento social, que lhes permita, mediante tensões entre as relações instituídas e as instituintes, com concessões de um e outro lado, ir forjando outras formas de sentir, pensar, saber, fazer e de poder, que vão sendo traduzidas em linguagens, testemunhando processos de permanente construção coletiva.

Nesse aspecto, o poder dos atores sociais pertencentes ao projeto, reside na capacidade de produzir movimentos instituintes de superação das condições de opressão e exclusão humana, a partir do estranhamento com realidades instituídas desse mesmo sistema, para apontar outras possibilidades civilizatórias. Entendemos por possibilidades civilizatórias momentos de chegada a certas consensualidades ou valores que se imponham como marcos reguladores para diferentes culturas, e que por isso mesmo, extravasem os limites de alguns países ou etnias, e encontrem afinção na aquisição deste valor, como locus de universalidade.

Por tudo isso, argumenta Linhares (2007), experiências instituintes não podem ser confundidas nem com reformas globalizadas, nem com novidades isoladas de suas conexões históricas e nem, muito menos, dissociadas de uma outra cultura mais horizontal, onde a alteridade, a paz, a empatia e o respeito entre os humanos e os demais seres vivos possam ser exercícios diários em que as afirmações e conflitos encontrem espaços para serem discutidos e encaminhados politicamente, sem o uso de qualquer forma de violência.

O que torna possível a educação popular, do vivido, é justamente a ausência de espaço para a grande maio-

ria, mantida à margem. Estão “excluídos²¹” sem verdadeiramente o serem, em razão de que o status de poder e riqueza de poucos somente é garantido pela participação desses muitos excluídos, através da força de trabalho. É o trabalho desenvolvido por muitos que garante a reificação de poucos, os detentores do poder. Essa ação é consciente, portanto, não mítica ou naturalizadora.

Neste contexto, o processo de educação formal, encampado e desenvolvido pelo liberalismo²², privilegia a competitividade e solapa na prática política as prerrogativas de cidadania que sustentam seu próprio ideário. O espaço da escola, instituído na consolidação do capital, mantém níveis mínimos de conhecimento que garantem o enquadramento social na margem. A escola, portanto, também exerce o papel atribuído por Althusser e Bourdieu, de aparelho ideológico para fins de dominação. Contudo, há sempre possibilidades de superação, através das ações instituintes. As margens se tocam.

As ações desenvolvidas pela Orquestra de Flautas Meninos do Pantanal, no contexto instituinte de educação popular, possibilitam a participação efetiva do sujeito no projeto, na comunidade e consequentemente na escola, no trabalho e demais aspectos do dia-a-dia. O pensamento de Dussel (2006) desloca o eixo de

NOTAS:

referência grega atribuída ao julgamento ético, em princípio, do grupo para o sujeito, para localizá-lo, finalmente, no direito à vida, pois todo e qualquer projeto voltado às minorias só faz sentido se tiver como foco a valorização da existência humana ■

- 1 Silva Maria S. Stering é Mestre em Educação pela PPGE/UFMT, Coordenadora Pedagógica da Pró-Reitoria de Ensino do IFMT e Coordenadora do Programa Pró-Funcionário no Estado de Mato Grosso. Mailto: silvia.stering@ifmt.edu.br
- 2 Luiz Augusto Passos, Professor do Programa de Pós Graduação Educação Mestrado e Doutorado da UFMT. Coordenador do Grupo de Pesquisa Movimentos Sociais e Educação/UFMT. Mailto: passospassos@gmail.com
- 3 Deste ponto em diante, este estudo passará a denominar a Escola Municipal de Ensino Básico Dejani Ribeiro por Escola Dejani Ribeiro.
- 4 Gilberto Mendes, maestro e responsável pelas produções artísticas do grupo desde sua fase inicial, ainda na escola, foi aluno de Konrad Wimmer (teoria musical), Afrânio Lacerda (regência) e Gilson de Mattos (harmonia e composição). Estudou violão clássico no Conservatório Lia Salgado, em Sete Lagoas-MG, onde parte de sua carreira musical se dá. Em 1978 fundou o Grupo Tronco, conjunto musical especializado em MPB, e o dirigiu até 1986. Realizou diversos concertos musicais de violão e voz, de 1980 até 1986. Em Cuiabá, fundou o Coral Canto livre, em 1992, momento em que atuou como regente e arranjador até 1996, realizando diversos concertos, entre eles Canção da América, com a participação da Banda terra. Em 1994 fundou o Coral Asa branca, em Santo Antonio do Leverger, Mato Grosso, onde atuou como regente e arranjador até 1996, apresentando-se em diversas ocasiões solenes na igreja da cidade e no encontro Nacional de Coros de Campo Grande, em 1996. Em 1988, criou a Orquestra de Flautas Meninos do Pantanal, desvinculando-se da Orquestra de Flautas do Jardim Vitória. O maestro foi também Professor de Flauta Doce convidado pela Universidade de Cuiabá (UNIC), no curso de Pós-graduação, *latu senso*, em Educação Artística, em 2003.
- 5 O projeto extracurricular, na época, objetivou a inserção de atividades diferenciadas, a fim de que o corpo de alunos do ensino fundamental preenchesse seu tempo com atividades educativas, fora do período escolar.
- 6 O Ensino Médio é de responsabilidade do governo estadual, ficando o município encarregado de prover a educação infantil e fundamental.
- 7 O turno intermediário acontecia com atividades entre o período matutino e vespertino, mais precisamente das 11 às 15 horas, antecedendo as atividades do período noturno oferecidas pela escola.
- 8 Salas alugadas no bairro para atender os estudantes da escola, já que a escola não comportava toda a quantidade de alunos matriculados.
- 9 A escola também era o local em que a comunidade realizava festas, casamentos, velórios, reuniões diversas, cultos e missas.
- 10 A palavra empoderamento é uma tradução livre e direta do inglês.
- 11 Fundação de Apoio à Educação e ao Desenvolvimento Tecnológico de Mato Grosso (FUNDETEC).
- 12 Tempo mensurável, referente ao relógio e ao calendário.
- 13 Tempo em relação aos valores, à qualidade, ao tempo vivido e à batida do coração.
- 14 A figura acima ilustra o grupo em pontos turísticos de Paris.
- 15 Karl Marx (1996), ao analisar a sociedade capitalista e seus mecanismos de produção social, demonstra que o oprimido - proletariado - constitui base integrante da forma piramidal como a sociedade se estrutura. Ele defendia a ideia da inversão da pirâmide social, ou seja, pondo no poder a maioria, os proletários, que seriam a única força capaz de destruir e superar a sociedade capitalista e construir uma nova sociedade na qual a posse coletiva dos meios de produção, impedisse sua concentração na mão da burguesia e a expropriação da força de trabalho por parte da massa operária.
- 16 Demonstrações através de vídeos e internet.
- 17 Primeira produção em grande escala de autoria da orquestra de flautas.
- 18 Categoria utilizada por Paulo Freire em suas obras.
- 19 O inédito-viável, categoria freireana, presente desde os seus primeiros escritos, está relacionada à compreensão da história como possibilidade da qual decorre uma posição utópica que se opõe à visão fatalista da realidade. Relaciona-se ao entendimento de que a realidade não é, mas está sendo. Essa afirmação, bem como as ideias centrais que explicam essa categoria, é feita por Ana Maria Araújo Freire, em longa nota explicativa na obra *Pedagogia*

da Esperança (p.205-207). O inédito viável é compreendida também como uma palavra-ação, práxis, imbuída de uma enorme carga afetiva, cognitiva, política, epistemológica, ética e ontológica. O inédito viável carrega em si crenças, valores, sonhos, desejos, aspirações, medos, ansiedades, vontade e possibilidade de saber, fragilidade e grandezas humanas, portanto, convergindo com as práticas instituintes. (Dicionário Paulo Freire, 2008:231).

20 A palavra alteridade possui o prefixo alter, do latim, e significa se colocar no lugar do outro, na relação interpessoal, com consideração, valorização, identificação e no diálogo com o outro. A prática da alteridade se conecta aos relacionamentos tanto entre indivíduos, como entre grupos culturais, religiosos, científicos, étnicos, etc. Na relação alteritária estão sempre presentes os fenômenos holísticos da complementaridade e da interdependência, no modo de pensar, de sentir e de agir, onde o nicho ecológico, as experiências particulares são preservadas e consideradas, sem que haja a preocupação com a sobreposição, assimilação ou destruição destas (DUSSEL, 2006).

21 José de Souza Martins, 2002.

22 Por liberalismo, este estudo entende o postulado do livre uso, pelo indivíduo ou membros de uma sociedade, de sua propriedade. O fato de uns terem apenas propriedade, sua força de trabalho, enquanto outros detêm os meios de produção não é desmentido, apenas omitido no ideário liberal. Nesse sentido, todos os homens são abstratamente iguais, fato consagrado no princípio fundamental da constituição burguesa: todos são iguais perante a lei, base concreta da igualdade meramente formal entre os membros de uma sociedade. Nessa extensão, uma segunda ideia propõe o bem comum, segundo a qual a organização social, baseada na propriedade e na liberdade, serve ao bem de todos. Um corolário dessa proposição é que, não havendo antagonismo entre classes sociais, a ação pode ser orientada simplesmente pela razão – daí racionalismo. Esse é o cerne da proposição ideológica, que visa a dominação consentida dos trabalhadores, através da operação de identificar o interesse da classe dominante (a manutenção da ordem social vigente) com o interesse da sociedade como um todo, a nação (BOBBIO, 1988).

REFERÊNCIAS:

- ADORNO, Theodor W. Educação e emancipação. Trad. Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- ANDRÉ, Marli Eliza D. A. Etnografia da prática escolar. 2. ed. São Paulo: Papirus, 1998.
- ARROYO, Miguel González. A atualidade da educação popular. Revista de Educação Pública on-line, 11 (19): , Jan-Jun, 2002. http://www.ufmt.br/revista/edicoes_antiores.htm Acesso: 15/09/2007.
- BACHELARD, G. A poética do devaneio. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e filosofia da linguagem. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 1995.
- BAREMBLITT, G. F. Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática. 2. ed. Rio de Janeiro, 1994.
- BATISTA, M. do Socorro Xavier. Os desafios dos movimentos sociais frente à globalização. In: Anais do XVI Encontro de Pesquisa em Educação do Norte e Nordeste (EPEN N). Aracaju: jun. 2003.
- BENJAMIN, Walter. Obras Escolhidas: Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- _____. Passagens. Trad. Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.
- BENEVIDES, Maria Vitória de M. A cidadania ativa. São Paulo: Ática, 1991.
- _____. Cidadania e democracia. Revista Lua Nova/ ANPOCS, (33): , 1994.
- BERGER, Peter. O Dossel Sagrado; elementos para uma sociologia da religião. Trad. José Carlos Barcellos. 5 ed. São Paulo: Paulus, 2004.
- BOBBIO, Norberto. Liberalismo e democracia. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOFF, Leonardo. Igreja: carisma e poder. São Paulo: Ática, 1994.
- _____. Virtudes para um outro mundo possível. Petrópolis: Vozes, 2006, v. I-III.
- BOGDAN, Robert; BLIKEN, Sari Knopp. Investigação qualitativa em educação; uma introdução à teoria e aos métodos. Trad. Maria João Álvares, Sara Bahia dos Santos, Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora, 1994.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é método Paulo Freire. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- _____. A educação como cultura. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986a.
- _____. Educação Popular. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986b.
- _____. O que é educação. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- BRÉAL, Michel. O que chamamos pureza da língua? In: Ensaio de semântica. Trad. Eduardo Guimarães. São Paulo: EDUC / Pontes, 1992.
- WARREN, Ilse e KRISCHKE, Paulo J. (Org). Uma revolução no cotidiano? Os novos movimentos sociais na América do Sul. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- CAMÊU, Helza. Introdução ao estudo da música indígena brasileira. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1977.
- CARROLL, Lewis. Alice no país das maravilhas. Trad. Francisco Achcar. São Paulo: Ática, 2000.
- CASTRO, Mary. Cultivando vida, desarmando violências: experiências em educação, cultura, lazer, esporte e cidadania com jovens em situação de pobreza. Brasília: UNESCO, Brasil Telecom, Fundação Kellogg, Banco Interamericano de Desenvolvimento, 2001.
- CERTEAU, M. de. A invenção do cotidiano: artes do fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHAUI, Marilena. Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil. 2. ed. Movimentos sociais na América do Sul. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CAMÊU, Helza. Introdução ao estudo da música indígena brasileira. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1977.

CARROLL, Lewis. Alice no país das maravilhas. Trad. Francisco Achcar. São Paulo: Ática, Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas. São Paulo: Moderna, 1981.

COULON, Alain. Etnometodologia. Petrópolis: Vozes, 1995.

Dicionário Larousse Escolar da Língua Portuguesa. São Paulo: Larousse do Brasil, 2001.

DOIMO, A. M. A vez e a voz do popular: movimentos sociais e participação política no Brasil pós-70. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/ANPOCS, 1995.

DUSSEL, Enrique. Ética da libertação na idade da globalização e da exclusão. Petrópolis: Vozes, 2000.

ELIAS, Norbert. Os estabelecidos e os outsiders. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 15. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

_____. Pedagogia da indignação. São Paulo: Unesp, 2000.

_____. Pedagogia da Autonomia. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

_____. Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

FLEURY, Maria T. L.; FISCHER, Rosa M. (coord.). Poder e cultura nas organizações. São Paulo: Atlas, 1989.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

_____. Saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa. Trad. Vera Melo Joscelyne. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

GOHN, MARIA DA GLORIA. Teoria dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos. São Paulo: Loyola, 1997.

HERÁCLITO. Sobre a natureza. Trad. José Cavalcante de Souza. São Paulo: Nova Cultural, 1998.

LINHARES, Célia Frazão. Compartilhando o mundo com Paulo Freire. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. Movimentos Instituintes na Escola; buscando dar visibilidade ao invisível. Niterói: UFF, 2004. (Mímeo).

_____. Escolas Aprendentes e Autonomia Pedagógica; Aleph - Formação de Professores. <http://www.uff.br/aleph> Acesso: 22/05/2006.

_____. Formação continuada de professores: comunidade científica e poética. Rio de Janeiro: DPA, 2007.

_____. Experiências instituintes na educação pública? Alguns porquês dessa busca. Revista de Educação Pública, 16 (31): 139-160, maio-ago. 2007.

_____. O legado freireano e a educação da infância. <http://www.uff.br/aleph> Acesso 05/06/2007.

MARTINS, José de Souza. A sociedade vista do abismo: novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais. Petrópolis: Vozes, 2002.

MELO NETO, José Francisco. O que é popular. In: O Labirinto da Educação Popular. João Pessoa: Universitária, 2003.

MELUCCI, Alberto. A invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas. Petrópolis: Vozes, 2001.

MERLEAU-PONTY, Maurice. O visível e o invisível. São Paulo: Perspectiva, 1994.

_____. Signos. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. Fenomenologia da Percepção. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MINAYO, M. C. S. (Org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

OLIVEIRA, Herman H. de. Música ambiente e ambiente musical encontre ponto. Cuiabá: [s.e.], 2007.

PALUDO, Conceição. Educação popular em busca de alternativas: uma leitura desde o Campo Democrático e Popular. Porto Alegre: Tomo Editorial, CAMP, 2001.

PASSOS, Luiz A. O Imaginário do tempo nos processos educacionais de Águaçu. Revista de Educação. Cuiabá: UFMT, 1995.

PASSOS, Luiz A; SATO, Michèle. Educação ambiental: o currículo nas sendas da fenomenologia merleau-pontyana. In: SAUVÉ, L. ORELLANA, I. SATO, M. (Dir), Sujets choisis en éducation relative à l'environnement. D'une Amérique à l'autre. Les Publications ERE-UQAM, Tome I: Université du Québec à Montreal, 2002.

PASSOS, Luiz A. O Emancipatório. Cuiabá: [s.e.], 2007.

PENNA, M. Reavaliações e buscas em musicalização. São Paulo: Loyola, 1990.

PORTO, Maria do Rosário Silveira. Função social da escola. Revista Brasileira. São Paulo: Atlas, 1987.

Revista Eletrônica do Grupo Aleph. Faculdade de Educação UFF, 2 (9): , fev.-mar.2006.

Revista Eletrônica do Grupo Pesquisador em Educação Ambiental (GPEA). www.ufmt.br/gpea Acesso: 13/08/2007.

RIOS, Terezinha Azeredo. Ética e Competência. São Paulo: Cortez, 2004.

ROSSEAU, Jean-Jacques. Emílio ou Da educação. São Paulo: Martins fontes, 1995.

SANT'ANNA, Romildo. Caetano, um artista na mídia: o sensível, o erudito e o popular. Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação, 2(2) , nov. 2003.

SANTOS, Boaventura de Souza; NUNES, João Arriscado. Introdução: para ampliar o cânone do reconhecimento, da diferença e da igualdade. In: SANTOS, Boaventura de Souza. Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. http://www.ces.uc.pt/bss/documentos/sociologia_das_ausencias.pdf Acesso: 06/04/2010.

SATO, Michèle; PASSOS, Luiz A. Pelo prazer fenomenológico de um não-texto. In: GUIMARÃES, Mauro (orgs.). Caminhos da educação ambiental - da forma à ação. São Paulo: Papyrus, 2006.

STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (orgs.). Dicionário Paulo Freire. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.